

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

LEONARDO ANDRADE

**ESTEVAN MARTINS: E UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM SANDRA, *EM SÉRGIO Y
VAI À AMÉRICA*, DE ALEXANDRE VIDAL PORTO**

Porto Alegre
2021

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

LEONARDO ANDRADE

Estevan Martins

E uma análise da personagem Sandra, em *Sérgio Y vai à América*, de Alexandre Vidal
Porto

Porto Alegre

2020

LEONARDO ANDRADE

Estevan Martins

E uma análise da personagem Sandra, em *Sérgio Y vai à América*, de Alexandre Vidal

Porto

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

Orientador: Arthur Beltrão Telló

Porto Alegre

2020

LEONARDO ANDRADE

Estevan Martins

E uma análise da personagem Sandra, em *Sérgio Y vai à América*, de Alexandre Vidal

Porto

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Arthur Beltrão Telló

Janaína de Azevedo Baladão de Aguiar

Luís Roberto de Souza Júnior

Porto Alegre

2020

Para papai e vovó, pelo apoio e inspiração.

Queria que estivessem aqui.

AGRADECIMENTOS

A minha família, em especial a minha mãe, que me ouviu por longos meses falar sobre este trabalho e me deu todo o apoio necessário.

Ao Jéferson, Brayan, Erann, Patrique, que leram e releram vários fragmentos do que escrevi.

A Renata, Jaqueline, Eduardo e João Matheus, que sempre estiveram por perto.

Aos meus amigos da faculdade, em especial à Amanda, Bárbara, Karol, Felipe, Yasmim, Lana, Jaqueline e Max, que se fizeram extremamente especiais em sua essência.

Aos meus outros amigos, que sempre demonstraram interesse e ofereceram suporte durante todos estes anos.

Ao meu orientador, Arthur Beltrão Telló, pela sabedoria, paciência e dedicação.

A todos os meus professores. Sem eles eu não teria chegado aqui.

À universidade, pela inovação e criação de um curso que realmente me fez feliz.

Ao meu cachorro, que sempre trouxe as melhores energias quando precisei.

A todos aqueles que esqueci de mencionar por estar emocionado demais para lembrar.

As coisas mais difíceis de falar são as que nós mesmos não conseguimos entender.

(Elena Ferrante)

RESUMO

O presente artigo propõe-se a discutir dois tópicos sobre o romance *Sergio Y. vai à América*, de Alexandre Vidal Porto: I) o conceito de personagem e a sua aplicação na construção da personagem LGBTQIA+; II) uma análise aprofundada sobre a personagem Sérgio e Sandra Yacoubian. Inicialmente, tenho por base Antonio Candido (1976) e Beth Brait (1985) para apresentar o debate sobre a temática central deste artigo. Além disso, trago a pesquisa de Regina Dalcastagné (2005), *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*. Finalmente, a análise sobre o destino da protagonista, apresentada pelo narrador. Com isso, também dialogo com Luiz Antônio de Assis Brasil (2019). Na segunda parte, para apresentar o conteúdo criativo, questões como a bissexualidade, família, solidão, sobrevivência e sentimentos serão abordadas a partir dos primeiros capítulos de um romance escrito pelo autor. Como referencial para a ideia principal, trago *Desventuras em Série*, *Sergio Y. vai à América*, *Oliver Twist* e *Fronteiras do Universo*.

Palavras-chave: Sergio Y. vai à América. Personagem. Transexualidade. Literatura brasileira. Bissexualidade. Romance.

ABSTRACT

This article aims to discuss two topics about the novel *Sergio Y. vai à América*, by *Alexandre Vidal Porto*: I) the concept of character and its application in the construction of the LGBTQIA + character; II) an in-depth analysis of the character Sérgio and Sandra Yacoubian. Initially, I use Antonio Candido (1976) and Beth Brait (1985) to present the debate on the central theme of this article. In addition, I bring the research of Regina Dalcastagné (2005), *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*. Finally, the analysis of the protagonist's fate, presented by the narrator. With that, I also dialogue with Luiz Antônio de Assis Brasil (2019). In the second part, to present the creative content, issues such as bisexuality, family, loneliness, survival and feelings will be addressed from the first chapters of a novel written by the author. As a reference for the main idea, I bring *Desventuras em Série*, *Sergio Y. vai à América*, *Oliver Twist* and *Fronteiras do Universo*.

Keywords: Sergio Y. vai à América. Character. Transsexuality. Brazilian literature. Bisexuality. Novel.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 SOBRE A PERSONAGEM	11
2.1 SOBRE A PERSONAGEM LGBTQIA+	11
3 SOBRE A OBRA	16
3.1 SOBRE SERGIO Y.	17
3.2 SOBRE SANDRA Y.	18
4 ESTEVAN MARTINS - Parte criativa´	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura que trabalha com a representação de personagens LGBTQIA+ precisa ser analisada e sua leitura estimulada, visto que, devido a etapa escolar, crianças e adolescentes concentram as maiores proporções de leitores da população brasileira, e o repertório de leituras que o jovem adquire é o que contribui para o seu amadurecimento crítico na sociedade. Nesse sentido, a parte teórica deste trabalho se propõe a debater sobre a construção da personagem transexual Sandra Y. A finalidade dessa análise é investigar as opções, escolhidas pelo autor Alexandre Vidal Porto, para a criação da personagem Sandra e de seu terapeuta, Armando, o narrador da história, comparando as mudanças e as consequências da busca da jovem pela felicidade. Para isso, serão apresentados conceitos formulados por Antonio Candido, Beth Brait e Luiz Antonio de Assis Brasil sobre a natureza das personagens e algumas de suas características, que serão analisadas principalmente ao enquadrá-las dentro do contexto da comunidade LGBTQIA+. Por fim, falarei sobre o destino da protagonista.

Com isso, a parte criativa se faz como um complemento à parte teórica. Escrever um romance sobre Estevan é relatar os acontecimentos de sua vida e de sua orientação sexual. A partir da análise de construção de outras personagens como Lyra Belacqua, Will Parry, Klaus e Violet Baudelaire, entre outros; e da narrativa de Oliver Twist e dos relatos de Armando, o objetivo é enquadrar o pequeno Estevan Martins também dentro da comunidade LGBTQIA+, à qual ele pertence, por ser uma personagem bissexual e viver sua orientação sexual de maneira sincera. Na introdução da narrativa autoral exposta aqui, acaba-se encontrando não uma, mas diversas pequenas situações que são possíveis de acontecer com pessoas pertencentes à comunidade, dentre elas: se apaixonar, se descobrir bissexual e apanhar dos pais dentro de um contexto LGBTQfóbico.

2 SOBRE A PERSONAGEM

A personagem de ficção é um dos tópicos mais importantes dentro da narrativa, pois, a partir dela, os leitores percebem o mundo ficcional à sua volta. Durante a história, o escritor de ficção organiza todos os acontecimentos em torno da protagonista, que interage com os cenários, as personagens secundárias e até mesmo com o leitor, mesmo que não diretamente. Além disso, uma personagem não carrega apenas ações e palavras soltas, mas também traz inúmeros significados que se tornam particulares, dependendo de pessoa para pessoa, afinal, esses seres de papel nada mais são do que representações de papéis sociais, dando vida dia após dia aos nossos conflitos externos e internos.

Entretanto, uma personagem também é carregada de uma visão diante daquilo que o autor quer apresentar a seu leitor. Por exemplo, nem toda personagem homofóbica foi escrita por um escritor homofóbico, mas adquiriu tais características visando despertar certos efeitos de sentido dentro da narrativa. Portanto é uma questão de perspectiva criada pela lógica da ficção.

Segundo Candido (1976, p. 43):

No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. Daí ser ela relativamente mais lógica, mais fixa do que nós. E isto não quer dizer que seja menos profunda; mas que a sua profundidade é um universo cujos dados estão todos à mostra, foram pré-estabelecidos pelo seu criador, que os selecionou e limitou em busca de lógica.

Portanto, o uso dessa lógica se torna útil principalmente em contextos nos quais o objetivo seja propor uma crítica às atitudes de um personagem em questão, trazendo em voga aspectos como pensamentos e ações que são comuns dentro de um grande grupo de pessoas. Literatura também é crítica ao mundo, e usar de personagens ficcionais como exemplos muitas vezes transforma o horizonte de expectativas dos leitores.

2.1 SOBRE A PERSONAGEM LGBTQIA+

Quando falamos em personagem LGBTQIA+¹, faz-se necessária uma compreensão inicial do foco em discussão: a diferença entre a cisgeneridade e a transexualidade. Quando falamos que alguém é cisgênero, Dawson (2015, p. 37) diz que “[...] é basicamente o oposto de transgênero. Significa que a sua identidade de gênero² combina com a identidade que lhe foi dada quando você nasceu, de acordo com seus órgãos genitais”. Ou seja, uma pessoa transexual não se identifica com os órgãos genitais com os quais nasceu e sua identidade de gênero é fluída, não podendo ser simplesmente determinada apenas uma vez durante a vida, assim, abrindo espaço para uma identificação com a transexualidade e a não binariedade³. Além disso, é importante trazer a questão de que pessoas trans⁴ constantemente continuam crescendo em ambientes onde são levadas a acreditar que existe algo “estranho” em trocar de gênero (p. 101), e também o quão confuso isso pode ser para elas, afinal, sempre sentiram que não estavam no corpo certo, ou pelo menos sentiam um desconforto com as normas de gênero (p. 121). Não só isso, mas há muitas situações em que se têm um nome que não corresponde à identidade do indivíduo, o que pode tornar as relações com os demais e o meio social mais complicadas ainda do que já são.

Dito isso, faz-se necessário abordar também questões sobre a sexualidade⁵ e política. Quando se fala acerca do assunto, ressalta-se que, enquanto discussão do campo das identidades sexuais, gênero e orientação sexual não são a mesma coisa. Pessoas transexuais e não binárias podem assumir diversas formas de orientação sexual durante suas vidas. “Algumas pessoas trans vão ser gay⁶, outras vão ser hétero⁷” (p. 172). Agora, se tratando da situação política para transexuais, existem dois pontos importantes de discussão. O primeiro é preocupante, visto que “[...] a maioria dos países não tem leis explícitas abordando a questão,

¹ É o movimento político e social que defende a diversidade e busca mais representatividade e direitos para a comunidade. A sigla demonstra a luta por mais igualdade e respeito à diversidade. L, Lésbicas; G, Gays; B, Bissexuais; T, Transexuais; Q, Queer; I, Intersexo; A, assexual; +, é utilizado para incluir outros grupos e variações de sexualidade e gênero. Aqui são incluídos os pansexuais, por exemplo, que sentem atração por outras pessoas, independente do gênero.

² Diferença entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais.

³ É a pessoa que não se identifica nem com o gênero masculino, nem com o gênero feminino.

⁴ Forma reduzida das palavras “transexual” e “transgênero”

⁵ Conceito que está baseado na atração sexual e na afetividade compartilhada entre as pessoas.

⁶ Que se sente sexual ou emocionalmente atraído por pessoas do mesmo sexo.

⁷ Que se sente atraído por pessoas do sexo oposto.

o que mais ou menos significa nenhuma proteção para pessoas trans” (p. 130), sendo grave quando pensamos que o movimento LGBTQIA+ começou em 1969, nos Estados Unidos, e em 1978, no Brasil, e que “Por anos, ficou conhecido como um ‘movimento homossexual’ ou ‘movimento gay’” (CISCATI, 2019). O segundo ponto é uma definição dentro da transgeneridade, em que mulheres transexuais se definem como “travestis”, termo que adquiriu um teor político de ressignificação, pois historicamente era tido como pejorativo. Atualmente, o movimento está em constante processo de mudanças devido às últimas reivindicações, e a própria sigla carrega consigo outras letras para que a amplitude de sua representatividade acabe atingindo outros grupos e subgrupos participantes da comunidade.

Mediante o exposto, percebe-se que lidar com a construção de personagens da categoria LGBTQIA+ é complexo, visto que assim como negros, mulheres, pobres etc., a comunidade Queer⁸ também se encontra dentro do grupo de minorias, comparada à do homem heterossexual, cisgênero, branco e rico. Quem escreve, assumindo seu fiel papel como escritor, tem que tentar passar uma verossimilhança do mundo real para o mundo ficcional, quando se trata de ficção realista. Entretanto, isso se faz problemático, visto que nem sempre aquele que escreve ocupa a posição de seu personagem dentro da categoria proposta. Segundo Dalcastagné (2012, p. 6): “Não há, no campo literário brasileiro, uma pluralidade de perspectivas sociais”, e fazer parte da minoria abrange questões tanto físicas, quanto psicológicas com o ser. A partir disso, com o decorrer do tempo, tem havido uma tentativa por parte de diversos escritores pertencentes a minorias de criar narrativas, ou até escrever a partir dessas personagens, que foram tão silenciadas diante da literatura brasileira. Temos vários exemplos quando falamos de obras do gênero, como *As Traças*⁹, romance publicado em 1975, fala abertamente sobre um relacionamento lésbico; *Onde andará Dulce Veiga?*¹⁰, publicado em 1990, é o livro de Caio F. de Abreu que mais representa a homossexualidade; *Julieta e Julieta*¹¹, publicado em 1998, foi o primeiro livro de contos lésbicos a tratar lésbicas de forma positiva; *Viagem Solitária*¹², um livro autobiográfico lançado em 2011 que conta sobre sua redesignação de sexo durante o período de Ditadura Militar nos anos de 70; e por fim temos

⁸ Funciona como sinônimo de LGBTQIA+.

⁹ RIOS, Cassandra. *As traças*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

¹⁰ ABREU Caio Fernando. *Onde Andará Dulce Veiga?*. São Paulo: Planeta De Agostini, 2003.

¹¹ MESQUITA Fatima. *Julieta e Julieta*. São Paulo: Edições GLS, 1998.

¹² NERY, João W. *Viagem Solitária*. Rio de Janeiro: Leya, 2011.

*Amora*¹³, um livro atual publicado em 2015 que contém contos lésbicos a partir de muitas perspectivas.

Portanto, o mais adequado seria cada um escrever a partir de seu lugar de fala específico, para que a abordagem dos problemas através da personagem seja feita de maneira crítica e expositiva. Refletindo sobre o campo da transexualidade, convido o leitor a se imaginar como um ser feminino ocupando um corpo com características masculinas. Agora imagine um grupo de pessoas dizendo para você diariamente que nós, seres humanos, somos classificados apenas biologicamente entre homem e mulher, e que isso é definido por nosso órgão sexual. Tente imaginar, a partir disso, os sentimentos que você teria com essa confusão de falsas afirmações e a ausência de sentimento de pertencimento aos grupos hegemônicos da sociedade. E, por fim, pense em um escritor que nunca sentiu isso, tentando descrever as sensações e pensamentos de personagens que vivem esses conflitos. É complexo.

Entretanto, escrever sobre transexualidade sendo um escritor cisgênero não é proibido. A questão fundamental é como o autor aborda os conflitos e o modo como a personagem interage com o mundo ao seu redor, o que é justamente retratado na obra *Sérgio Y. vai à América*, de Alexandre Vidal Porto, na personagem Sandra Yacoubian. A partir de sua posição como homem cisgênero, por meio da personagem-narrador Armando, o autor traz um ponto de vista diferente da transexualidade.

Segundo Beth Brait (1985, p. 67):

[...] se a construção de uma personagem, o conjunto dos traços que compõem a sua totalidade permite inúmeras leituras, dependendo da perspectiva assumida pelo receptor, dos códigos utilizados em determinados momentos para a viabilização dessas leituras, isso não significa que a dimensão da personagem seja ditada unicamente pela capacidade de análise e interpretação do leitor.

A partir disso, é possível considerar que uma obra possui uma pluralidade de significados além daqueles captados imediatamente por qualquer leitor, como, por exemplo, significados sociais ou políticos. Para que a proposta do autor alcance seu objetivo, é preciso uma boa construção da personagem nos livros de categoria LGBTQIA+, visto que cada indivíduo real tem seu processo único de descobrimento, autoaceitação e sobrevivência, pois, segundo Candido (1976, p. 40), as diferenças são tão importantes quanto as afinidades para criar o sentimento de verdade, que é a verossimilhança.

Para a construção da verossimilhança, denominaram-se algumas classificações da personagem e de suas posições dentro de uma narrativa. Candido (1976, p.45) explica que um

¹³ POLESSO, Natália Borges. *Amora*. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

escritor pode criar personagens como seres íntegros e delimitáveis, marcados por traços específicos que os caracterizam; ou como seres complicados, que possuem uma fonte inesgotável de traços apresentáveis. Sendo assim, é possível definir Armando, como um terapeuta, orgulhoso de sua carreira, confuso com o mistério de Sandra, preocupado com sua filha Mariana, determinado a ser um ser humano melhor quando conta a história da paciente; e Sandra, como uma personagem transexual, determinada a fazer a transição desde quando se apresentava ainda como Sérgio, um adolescente inteligente, que buscava felicidade, em suas ações, em uma profissão, nas histórias dos outros e principalmente no mundo.

Ademais, me atrelarei a mais dois tópicos de caracterização da personagem para a análise da Sandra Yacoubian, uma vez que ela e o seu antigo analista, doutor Armando, são personagens de natureza segundo Cândido (1976, p. 45); ou seja, são apresentadas não só por suas características superficiais, mas também pelo seu modo íntimo de ser, sendo vistas à luz de sua existência profunda (p. 46). De acordo com o conceito de Foster trazido por Cândido, ambas são personagens esféricas, ou seja, aquelas que possuem não apenas duas, mas três dimensões. São elas: I) Física; II) Sociológica; III) Psicológica; que as tornam complexas e mais capazes de nos surpreender (p. 47).

3 SOBRE A OBRA

Sérgio Y. vai à América narra a história de Sérgio, jovem que vai em busca de terapia com o doutor Armando, o narrador-personagem, por indicação de conhecidos. Durante a terapia, Armando nunca conseguiu desvendar o grande problema de Sérgio, até que um dia depois de suas sessões, o paciente decide parar o tratamento com Armando e diz que vai começar um outro, mas em outra cidade. A partir disso, o doutor nunca mais ouviu falar de Sérgio até o dia em que leu uma reportagem anunciando que o menino havia sido assassinado. Em seus devaneios, Armando comenta que Sérgio sempre foi o maior mistério em seu histórico profissional, e, curioso com o que aconteceu com o rapaz que analisara, vai em busca da história por trás do homicídio.

A partir disso, Armando descobre que Sérgio Y na verdade era uma mulher transexual, que mudou seu nome para Sandra Y. Com essa informação, a personagem narradora fica sem chão por nunca ter descoberto isso durante suas sessões com Sérgio. Ao conversar com os pais da antiga paciente, descobre que tanto Sandra como sua terapeuta, Cecilia Coutts, moravam em Nova York. Com isso, Armando resolve viajar para essa cidade e ter uma conversa com a terapeuta sobre a transição de Sérgio para Sandra, aquela que foi o maior mistério em sua carreira.

Ao chegar à *Big Apple*, marca um encontro com Cecilia e no dia conversam sobre Sérgio. Nos comentários feitos pela terapeuta, Armando descobre que Sérgio sabia de Sandra desde sua infância, mas nunca deu indícios disso ao doutor. Entretanto, o que deixa Armando mais confuso é saber o quanto ele fora elogiado por Sandra nos encontros com Cecilia, e o quanto a paciente era agradecida pelas sessões. Cecilia contou tudo, principalmente o fato de que Sandra se inspirou em uma personagem chamada Angelus, um homem transexual, cuja história fazia parte de um livro encontrado no Museu da imigração em Nova York, um ponto turístico sugerido pelo doutor Armando quando Sérgio disse que iria viajar com os pais aos EUA.

Dessa forma, as questões internas de Armando vão sendo respondidas, pois ele descobre como Sandra foi feliz em Nova York. Ela havia estudado, aberto um restaurante, feito a transição de gênero e era bem aceita naquela cidade. Infelizmente, foi vítima de um acidente. No livro, descobrimos que Sandra foi enterrada com o nome Sérgio, e que seus pais tiveram muitos problemas de aceitação durante a transição. Contudo, pelo menos Sandra morreu feliz, tão feliz a ponto de sentirmos orgulho.

3.1 SOBRE SERGIO Y.

Apesar do livro ser narrado inteiramente por Armando, não se pode tirar o protagonismo de Sérgio Y, visto que a personagem é o eixo articulador dos acontecimentos e até o título da obra leva seu nome. É válido ressaltar a estratégia narrativa adotada pelo autor, homem cisgênero, que assume o ponto de vista do doutor Armando para ver, a partir dos olhos do analista, a personagem Sérgio/Sandra. Sendo assim, o doutor Armando representa a visão do grupo cisgênero no dia-a-dia.

Segundo Beth Brait (1985, p. 64):

Esse recurso de caracterização, que utiliza uma personagem secundária para fazer conhecer a personagem principal, é bastante utilizado pelo romance policial, ainda que não seja uma técnica exclusiva desse tipo de narrativa. O narrador, de forma discreta, vai criando um clima de empatia, apresentando a personagem principal de maneira convincente e levando o leitor a enxergar, por um prisma ao mesmo tempo discreto e fascinado, a figura do protagonista.

Sérgio é apresentado para o leitor exatamente assim. Apesar de não ser um romance policial, a narrativa é baseada na investigação das fronteiras da transexualidade de Sérgio e de sua transição para Sandra Y. A protagonista nos é apresentada pela primeira vez como um menino de apenas dezessete anos, filho de pais ricos, inteligente e confuso, que vestia jeans, tênis e uma camiseta branca com uma estampa do Mickey Mouse.

Segundo Candido (1976, p. 44):

A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas.

Em seguida, podemos identificar o pequeno grupo de características escolhidas por Porto para a criação de sua personagem protagonista. O autor nos apresenta Sérgio como um garoto comum, apenas em busca da resolução dos seus problemas, aparentemente pequenos. Nesse momento, Armando ainda não sabia o quanto sua mente ficaria inquieta no futuro ao se deparar com a verdadeira identidade de Sandra.

No trecho a seguir, Porto (2014, p. 22-23) nos apresenta a seguinte situação:

Falou que havia pedido à diretora de sua escola uma recomendação de terapia porque “queria garantir um futuro minimamente feliz”. “Eu sou muito pessimista”, me disse. Tinha consciência de que, objetivamente, contava com todos os elementos necessários para uma vida feliz. Tinha saúde. Tinha conforto material. Era bonito. Gostava de sua escola. Seus pais eram bons com ele. No entanto, sentia-se triste o tempo todo. Uma vez, disse: “A minha natureza é deprimida. Sempre foi. Não consigo escapar dela”.

Aqui, percebe-se que Sérgio tinha tudo para ser feliz, mas algo dentro dele impedia a realização dessa felicidade. O autor dá a dica principal na construção da transexualidade sem de fato entregar o jogo, quando Sérgio comenta sobre a sua natureza ser deprimida. Quando diz que não consegue escapar dela, afirma que está preso dentro de um corpo que não é seu (p. 23).

Além disso, Armando, durante suas sessões com Sérgio, descobriu que o avô do jovem, chamado Areg, era uma pessoa importante para seu paciente. Em uma das gravações de Sérgio, antes de viajar para Nova York, a protagonista conta que leu um bilhete escrito por seu avô com as seguintes palavras: “Se a felicidade não está onde estamos, temos de ir atrás dela. Ela às vezes mora longe. Tem de ter a coragem para ser feliz” (p.31).

Segundo Sérgio, esse recado foi um dos impulsores para ele tomar a decisão de buscar a felicidade não encontrada até aquele momento. Depois disso, o protagonista viaja para Nova York por quatro semanas e volta com uma decisão.

3.2 SOBRE SANDRA Y.

Com a viagem, iniciou-se um novo ciclo na vida da personagem. A partir daquele momento, ela já sabia o que queria, então despediu-se de Armando e foi viver sua vida em Nova York. Segundo Braith (1985, p. 64), “a personagem-narrador funciona como a lente privilegiada através da qual o leitor recebe e visualiza as personagens”. É interessante que o leitor aqui só possui a visão de Sandra a partir da investigação de Armando após a morte dela.

Entretanto, uma questão marcante na construção de Sandra é justamente o uso do nome Sérgio pelo doutor Armando, mesmo após o descobrimento da transexualidade da antiga paciente.

No trecho a seguir, Porto (2014, p. 66) escreve:

Foi assim que descobri que Sergio Y. e Sandra Yacoubian eram a mesma pessoa. Ou melhor, que eram derivações distintas de um mesmo corpo. Sergio, que havia adquirido cidadania americana graças a um visto de investidor, solicitara em agosto de 2009 a mudança formal do seu nome e gênero a um tribunal de Manhattan, que reconheceu o pedido e autorizou a mudança. A justificativa para o pedido era “transexualidade”.

A insistência em nomear Sandra como Sérgio talvez se dê por inúmeros motivos, como, por exemplo, a reportagem do jornal, anunciando a morte de Sérgio Y e não de Sandra; ou por apenas tê-la conhecido como Sérgio, seu paciente; ou por falta da desconstrução da visão de mundo do terapeuta, coisa não-rara se tratando de uma personagem com oitenta anos, como o caso de Armando; ou pela jovem ter sido enterrada como Sérgio.

A questão é que esse uso do nome antigo de Sandra não veio apenas de Armando, mas também dos pais da personagem. Porto nos dá essas informações, diante de relatos do pai e da mãe conversando com Armando, que nos mostram duas perspectivas diferentes na relação de cada um com a filha.

Do pai, temos os comentários nos quais chama os dois filhos que teve de monstruosidades, sendo um anencéfalo e outro transexual (PORTO, p. 155). O pai, dentro de suas limitações, tenta aceitar Sandra, pois não queria perder a ligação com *ele*. Respeitou a visão de Sérgio como Sandra da maneira como pôde, se contendo (PORTO, p. 157). Por fim, conclui o diálogo com Armando, afirmando que *seu filho* só queria ser feliz em Nova York, e que, como mulher, encontrou a felicidade.

Da mãe, os comentários são ditos de forma mais tênue. Ela afirma que teria gerado os dois filhos novamente, se tivesse a chance, pois aprendeu a ter orgulho deles (PORTO, p. 174). Além disso, afirmou que depois da morte de Sandra, voltou a chamar sua filha de Sérgio, pois para os pais, sempre seria Sérgio. Por fim, finalizou seu relato dizendo que Sérgio havia morrido feliz, e que tanto os pais como o terapeuta fizeram um bom trabalho (PORTO p.175).

Apesar da incompreensão, a relação entre os pais e a filha era uma relação de amor. Os pais, dentro das suas limitações, tentaram entender Sandra e seu desejo de buscar a felicidade. Dentro da relação familiar da protagonista com os seus pais, encontramos um reflexo do que acontece em muitas famílias atualmente: a inexistência de uma compreensão total, afinal, os pais de Sandra nunca entenderiam os sentimentos da filha com o próprio corpo, sempre existiria uma barreira em cima disso. Contudo, dentro da relação também houve a parte de respeito com a filha, respeitando e tendo orgulho de suas decisões e da sua identidade.

Entretanto, outras características marcantes na construção da personagem são justamente as definidas por Candido como estas serem seres complicados, de natureza e esféricos. O momento em que Sandra manifesta essas definições é justamente quando apresenta-se como mulher transexual. Torna-se: 1) complicada por ter traços inesgotáveis para se apresentar. 2) de natureza, pois é marcada pelo significado de sua existência profunda, não apenas por gestos ou falas repetidas, mas por seus valores e busca da felicidade. 3) esférica, pois é capaz de nos surpreender diante da mudança de nome, de gênero, de cidade etc., em que sempre encontramos uma surpresa durante a investigação de doutor Armando.

Dando enfoque na característica de personagem de natureza das protagonistas Armando e Sandra, é interessante ressaltar alguns pontos da história. Como dito, as

personagens de natureza são definidas pela capacidade de enxergarmos sua existência profunda dentro da narrativa a partir dos traços definidos pelo autor.

Iniciando por Armando, temos ele como um protagonista orgulhoso de sua carreira e sempre focado em seus pacientes. É interessante como o autor traz também a vida de Armando para a história.

No trecho a seguir, Porto (2016, p. 12) comenta sobre sua infância e seu pai:

Meu pai também foi médico. Quando eu era criança, gostava de vê-lo entrar no carro de manhã para ir ao hospital. Na minha concepção infantil, saber que ele era médico eliminava qualquer possibilidade de morte ou de dor para mim ou para a minha família. Dava-me segurança. Quando encontrávamos pessoas que o conheciam, eu me orgulhava do respeito e da deferência com que o tratavam.

Aqui são apresentados os sentimentos da personagem, mas também como o ato de cuidar sempre foi um exemplo para ele. Isso acaba sendo refletido em sua carreira quando mais velho, tornando-o tão bem sucedido pelo seu empenho com cada paciente (p.15). Entretanto, somos apresentados também a uma personalidade mais fria de Armando, o que também é confirmado por ele quando é dito “Posso parecer frio, desprezível até, mas exponho meus sentimentos dessa forma para reforçar minha alegação de sinceridade e boa-fé ao escrever este relato” (p. 14), em que ele também comenta sobre como se sente quanto a sua esposa que faleceu alguns anos atrás.

Seguindo na narrativa, temos um grande ponto na trajetória de Armando, que é quando ele percebe uma enorme falha em sua profissão, tão grave que ele traz à tona algo inadmissível para um terapeuta: contar toda a história e as sessões que aconteceram com um paciente em específico.

No trecho a seguir, Porto nos conta:

Meus olhos não foram cegos. Minha língua não calou aos segredos que me foram revelados. Eu sei. Mas tenho princípios. Minha intenção, ao contar esta história, nada tem de nocivo. Quero tornar-me um médico melhor e um ser humano mais íntegro. Quero apenas aprender.

Aqui a narrativa aprofunda completamente dentro da personagem, de seus princípios, de seus objetivos e da sua vontade de aprender com os erros. E dentro dessa vontade, surge a outra protagonista da história: Sandra Yacoubian.

Inicialmente, Sandra surge como Sérgio para os leitores. Por ser muito breve, temos poucas características, e essas poucas nos são apresentadas exclusivamente pela narração de Armando. De acordo com o terapeuta, a principal característica de Sérgio é a integridade (p. 27), pois contava sobre todos os motivos para ser feliz, sem conseguir sê-lo de fato e pouco falava sobre si, mas sim sobre sua família. O aprofundamento da essência dela começa aí,

pois, a partir da percepção do analista, entendemos que há algo errado com a jovem. No decorrer da narrativa, Sandra nos é apresentada melhor. Sendo uma mulher trans, a protagonista demonstra suas características como personagem de natureza através de situações como a busca pela sua felicidade, formando-se em Gastronomia (p. 94) e mais tarde abrindo um restaurante (p. 71).

Por fim, temos uma fala da segunda terapeuta de Sandra, que foi uma peça-chave para o entendimento da história da protagonista. A personagem Cecília Coutts elogia o doutor Armando, “Sandra não teria vivido — não teria nascido — se não fosse por seu concurso, por sua indicação. O primeiro amigo que Sandra teve chama-se Armando. Você permitiu que ela se manifestasse” (p. 113). Com isso, tanto o leitor como o terapeuta descobrem o papel importante de Armando para Sandra, informação que nem o terapeuta sabia.

Segundo Brasil (2019, p. 35.), “É o personagem, quando bem construído, que dá sentido a tudo que acontece na história.” Nada aconteceria se Sérgio não houvesse se descoberto como Sandra, a não ser a infelicidade sem resposta da personagem. Todos os acontecimentos aqui eram inevitáveis, principalmente a morte tanto de Sérgio, quando se mudou para Nova York, como a de Sandra, quando foi morta.

Quando falamos sobre o romance, entra em discussão o envolvimento de mais de uma personagem como questão essencial, que se articula com a narrativa. Armando é um exemplo disso, pois vemos que o doutor passa por um processo de desconstrução, sendo antes um homem orgulhoso de sua carreira e reconhecido como ótimo terapeuta. Mas, quando se depara com a situação de Sérgio/Sandra, vê-se num ponto cego do percurso, afinal, é este paciente que o obriga a perceber alguns de seus erros e fragilidades como ser humano e terapeuta, adquirindo até o final do relato, tanto um olhar mais amplo não só para suas próprias fraquezas enquanto psicólogo e ser humano, como também frente a diversidade do mundo.

4 ESTEVAN MARTINS - PARTE CRIATIVA

Capítulo 1

O nascimento de Estevan Martins

2000

Em torno de muitos prédios baixos, localizado num bairro não muito violento, que não darei um nome por diversas razões, encontra-se um abrigo de crianças. Neste abrigo nasceu, em 2000, um pequeno menino.

Durante o parto, uma grande dúvida surgiu entre médicos, enfermeiras e a mãe, pois não saberiam se, nas miseráveis condições, Estevan sobreviveria a tempo de ganhar um nome. Se não acontecesse, não restariam memórias para serem contadas aqui. Caso restasse, essas memórias seriam tão poucas que montariam a biografia mais curta e exemplar já escrita.

Embora eu defenda que nascer num abrigo não seja a melhor situação para se acontecer com uma criança, neste pequeno caso, foi a melhor situação que poderia ter acontecido a Estevan Martins. O fato foi que o pequeno nasceu com dificuldades respiratórias, e após tentativas de induzir Estevan a assumir controle da respiração, ofegante em um colchão sujo, o menino oscilava entre os dois opostos: a vida e a morte. Definitivamente ele pendia mais para o lado da morte.

Se o pequeno Estevan estivesse cercado por uma grande família que o amava, com certeza já teria ido aos céus. Mas, como a única companhia era uma velha e um médico – que só estava ali por obrigação do governo –, Estevan e a Natureza resolveram entre si. Após pesadas

respirações, a última resultou em um espirro, e naquele momento todos ao redor de Estevan sabiam que um novo fardo foi jogado ao mundo. Ele chorava, chorava tão alto que chamou a atenção de uma mulher, que apareceu ainda deitada ao chão levantando ao máximo seu corpo mutilado e pálido após o parto.

- Deixem eu ver ele. – Disse a mãe de Estevan. Seu rosto jovem estava cansado. – Assim, posso morrer em paz.

O cirurgião, que agora lavava as mãos e botava uma nova luva, andou calmamente até a mulher, enquanto ela falava.

- Não pense nisso ainda.

- Vai dar tudo certo, garota! Deus está contigo. Que tu viva o mesmo que eu, que tive cinco filhos. Deus está contigo! Olhe como o guri é bonito. – Disse a velha, com uma garrafa de vodca nas mãos.

Apesar das palavras de conforto, a ideia da jovem ainda era a mesma. Usando de toda a força que tinha, estendeu os dois fracos braços em direção ao garoto. O médico, pegando com cuidado o frágil Estevan, entregou-o nas mãos da mãe.

Com o pequeno em seus braços, a jovem beijou a testa da criança. Passou os dedos ossudos pelas bochechas de Estevan, e com ele em seu colo, olhou para os dois lados e de súbito, caiu morta.

Estevan havia virado órfão.

Capítulo 2

Casa nova... vida nova?

2008 - 2013

28 de março de 2008

O pequeno Estevan, impaciente no banco de trás do carro com a sacola no colo, aguardou chegar ao novo lar. O urso a que se abraçava mantinha seus braços quentes. Ele lembrou-se do dia em que ganhou aquela pelúcia do casal, a perda, o tempo demorando para passar. O chute no estômago chegou quando um dos que o adotaram ficou doente, a ponto de ser internado por muitos dias. Ele gostava de Carlos e Joana, mas o devolveram logo após o marido melhorar. Disseram para Estevan que foram as dívidas.

- Querido, nós já estamos quase chegando. Tenho certeza de que tu vai amar teu quarto! - Disse a mulher ruiva no banco do motorista. - Paulo, quando chegarmos, mostra ao Estevan tudo certinho, tá bem?

- Claro, Sandra. Tu não vem com nós? - Disse Paulo, do banco do carona virando o rosto para Estevan. - Bom, espero que goste mesmo, filho. A gente organizou a casa inteira pra ti.

Enquanto Paulo sorria para a criança, ela permanecia com o rosto imóvel, incapaz de expressar sequer um sorriso. Estevan já estava acostumado com boas-vindas e um quarto novo, era uma questão de poucos dias até ele ver a Senhorita Müller mais uma vez.

Os três chegam ao destino. Após Paulo e Estevan descerem do carro, o garoto observou o lugar. Era um prédio branco enorme. Chegou a ouvir algo de Paulo e Sandra sobre um condomínio, mas não entendeu

muito. Ele conhecia mais sobre casas e quintais. Como era um apartamento?

Ao lado da entrada, dentro de uma pequena praça com brinquedos, Estevan viu um garoto com blusa listrada colorida e boné rosa saindo com a mãe, também usando uma blusa colorida. Indo até o elevador, Estevan se manteve afastado de seu suposto novo pai.

- Espera! - Disse a mulher com roupas coloridas, correndo na direção deles agarrando o braço de seu filho. - Vou subir também.

Estevan se virou para o espelho, que estava às suas costas, e observou. O cinza do elevador, as roupas coloridas daquela senhora e de seu filho que estava de costas para ele, as roupas pretas de Paulo e o próprio casaco marrom. A mistura de cores lhe deu náuseas. Não demorou nem dez segundos e Estevan percebeu que, o que parecia ser sua nova vizinha, gritava com o garotinho.

- Já disse pra tu não ficar se sujando assim, Lucas! Olha como tu tá um porquinho agora, meu Deus.

A voz da mulher era aguda e estridente. Os ouvidos de Estevan doíam. Seus olhos apertaram com força e seus punhos cerraram. Ele queria chorar, mas só gritou. O som foi tão alto que todos viraram e olharam para ele.

Ele sentiu o olhar assustado de Paulo cruzar o seu. As roupas coloridas agora viravam para Estevan. O rosto da mulher trazia um olhar assustado, com uma expressão de desgosto na boca cheia de batom roxo.

- Estevan! - Disse Paulo com os olhos arregalados. - Desculpe, Dona Márcia. Este é o garoto que te falei, lembra? Juro que ele vai se comportar, não é, Estevan?

Paulo puxou Estevan para perto de si, mas foi empurrado. O garoto não queria contato com ninguém. Aquilo era provisório, ele sabia. Dona Márcia mudou a expressão e deu um sorriso para Paulo.

- Ai, ai, esses garotos. São tão bobinhos, não é, Paulo? Fico feliz em te conhecer, Estevan. - Disse Dona Márcia, direcionando um sorriso amarelo para o menor. - E é tão pequenininho! Quantos anos tem, criança? Esse é o Lucas. Quem sabe vocês viram amiguinhos, ein?

Estevan fica em silêncio.

- Amiguinhos? Quem sabe! A propósito, Estevan tem oito anos já! - Disse Paulo. - Um lindinho, não é? Quem nem teu guri. Opa, nosso andar. Licença, Dona. Foi um prazer, até logo. Vem, Estevan.

Paulo sai puxando a mão de Estevan. Caminham até o penúltimo apartamento do corredor estreito, parando na frente da porta com o número 508. Com as chaves já na mão, a maior e pontuda encaixa e a porta se abre.

- Então é isso, bem-vindo ao novo lar! Vou te mostrar tudinho, vem cá, vem. Depois conversamos sobre o que aconteceu no elevador, Estevan.

Juntos, caminharam cômodo por cômodo. O garoto estranhou bastante, era tudo colorido demais. A sala era vermelha, o banheiro azul, a cozinha amarela e o quarto rosa. Ele sentia como se estivesse morando dentro das roupas dessa Dona Márcia. Paulo deixou o quarto de Estevan por último. Estevan estendeu a mão e abriu a porta com um fraco empurrão. O quarto era branco, com uma cama e um roupeiro. Era o melhor que ele tinha ganhado até agora.

Forçando um sorriso, virou para Paulo e disse:

- Brigado... Onde eu deixo? - Apontando para a sacola.

- Em qualquer lugar. Afinal, o quarto é teu, né, guri. Depois eu e a Sandra vamos conversar contigo também sobre teu colégio, tá bem?

- Tá, brigado, seu Paulo.

- “Seu Paulo” não, guri. Pode me chamar só de Paulo, tá? Acho que a Sandra chega daqui a pouco, mas fica à vontade. Vou pedir uma pizza, o que tu acha?

- Pode ser!

Não havia muito para Estevan fazer, então aproveitou para investigar o que encontrava pelo quarto. Um livro – intitulado *O Mágico de Oz* –, papéis em branco e lápis colorido, algumas roupas novas e um tênis *All Star* amarelo. Foi tudo o que encontrou. Apesar de ter aprendido a ler no colégio, não tinha muito o costume, então pegou o livro e resolveu ficar vendo as figuras sem cor em cada início de capítulo até Sandra chegar.

- Cheguei! – Gritou Sandra, da porta de entrada. – Estevan, gostou do quarto, querido? Trouxe um presente.

Estevan e Paulo estavam sentados na cozinha, um de frente para o outro. O garoto sentia como se o amarelo refletisse nos pratos e na toalha branca. Apesar de não terem comido para esperar a Sandra, Estevan sentia um cheiro gostoso vindo da caixa no centro da mesa. Ele tinha certeza de que era melhor do que a comida de onde estava antes.

Sandra chegou com seu vestido vermelho, sapatos e unhas de cor preta com o pescoço ornado de joias. Sentando-se à mesa, se juntou aos dois. O jantar foi silencioso, com poucas palavras entre Paulo e a esposa. Algumas vezes, Estevan olhava para cima e via os dois fixando o olhar

para ele. Um sorriso torto bastava para eles sorrirem de volta com os olhos esbugalhados. Ele achava aqueles dois uns estranhos, mas até que eram engraçados.

- Querido, depois vamos abrir seu presente? - Disse Sandra, olhando para o prato sujo. - Espero que goste. Tu sabe ler? Paulo, ele sabe ler, não é?

As mãos e as pálpebras dela não paravam de tremer. Estevan não sabia o que estava acontecendo.

- Ahn... sei - Disse o garoto.

- Ai, que ótimo! Ainda bem, ufa, claro, claro que sabe. Não sei o que passou pela minha cabeça.

- Calma, amor. O Estevan é muito inteligente, né, guri? - disse Paulo olhando para o garoto e depois para Sandra.

- O jantar acabou! Vamos tirando tudo, fiquei ansiosa pra ver se tu vai gostar. Corre lá no quarto, deixei em cima da tua cama.

Estevan levantou e andou até o quarto. Um pequeno embrulho quadrado de cor verde com uma fita vermelha de bolinhas brancas o aguardava. Não se lembrava de ter recebido presentes além do ursinho, nem saberia como reagir agora, mas aquelas cores o faziam se sentir como se fosse um dos ajudantes do Papai Noel.

Após rasgar o embrulho do presente, viu que era um livro enorme. Ele nunca havia lido nenhum livro daquele tamanho. Em algumas escolas, o pequeno Estevan recebia um ou dois livros por mês, não desses grandes, mas daqueles pequenos com muitas figuras, e ver um livro daquele tamanho com muitas palavras difíceis e poucas imagens embrulhava o seu estômago. No título, um nome acompanhava o espaço junto do autor. "*Oliver Twist*", de Charles Dickens. Nunca ouviu falar

desse Dickens, mas na parte de trás dizia ser britânico. O que ele deveria pensar sobre isso?

- Gostou, querido? - Estevan ouviu a voz alta de Sandra vindos da cozinha.

- É muito bonito, adorei as cores e as figuras! - Disse o garoto confuso respondendo de volta para a mulher. - Não conhecia.

Estevan permaneceu olhando aquele livro a noite toda sem saber o que fazer. Passava as páginas de um lado para o outro, mas só leu algumas palavras. Resolveu parar quando a luz do sol invadia pela janela em frente à cama, atravessando as cortinas azuis. Tentou dormir finalmente, e após uns trinta minutos conseguiu, mas sabia que Sandra logo o acordaria.

28 de março de 2009

Era uma tarde quente. Estevan foi adotado oficialmente na justiça há poucos meses. Há um ano foi a chegada do garoto naquela casa, e aquela foi considerada a nova data de seu aniversário. Estevan não queria festa alguma, mas seus pais decidiram que deveriam comemorar com pelo menos um bolo.

- Querido, tu vai brincar com o Lucas hoje?

- Não sei... acho que sim, Sandra!

- E não quis chamar os amiguinhos do colégio para cá? Estevan, tu precisa comemorar com eles!

- Só tem o Lucas... melhor deixar assim mesmo.

- Ah, tudo bem. O importante é nós três estarmos juntos, não é, amor?

- Isso mesmo, guri! E vai ter um bolo bem gostoso. Se tu quiser, podemos ir no shopping mais tarde, o que tu acha? Quer ver algum filme? - Disse Paulo, entrando na cozinha onde estava Sandra e Estevan.

- Ah, eu queria ver *Horton-e-não-sei-o-quê*. Pode ser esse, gente? - O garoto fez uma cara triste, como se fosse a única coisa que gostaria no mundo todo.

- Claro, meu amor. Mas eu escolho a pipoca, tá bem? - Sandra deu um sorriso - Agora vai lá no Lucas. Vou avisar a Dona Márcia pelo telefone!

- Tá bem. Volto depois pro bolinho, Sandra.

- Paulo, leva ele ali?

- Sim, amor. Vamos lá, seu gurizinho!

Estevan pegou na mão de Paulo e o puxou até o corredor. Os olhos de Sandra e Paulo arregalaram. O garoto nunca havia feito isso antes. Enquanto Paulo comemorava em silêncio, sem Estevan perceber, Sandra se perguntava sem parar por que não foi ela quem recebeu o primeiro puxão mão-com-mão do filho.

- Dona Márcia? Alô? - Disse Paulo batendo na porta.

A mulher abre logo após o primeiro "toc-toc". As roupas coloridas junto da luz do corredor cegaram Estevan por pelo menos dois segundos.

- Queridos! Estevan, que bom que tu veio. Vem cá me dar um abraço. Feliz aniversário, amorzinho.

Dona Márcia puxa o corpo de Estevan. A cabeça do garoto é esmagada no peito dela e os braços são jogados para trás num susto.

Estevan tenta abraçar de volta, mas Dona Márcia solta o corpo dele e lhe dá um beijo na testa.

- Obrigado, tia. Lucas tá onde?

- Ele tá lá no quarto. Pode ir, tá te esperando, benzinho. Então, Paulo, me conta como...

Andar pela casa de Dona Márcia causava a Estevan calafrios. A mulher podia se vestir igual a um arco-íris, mas as paredes eram todas brancas e frias. Estevan se perguntava todos os dias como Lucas gostava daquela casa. Passava pela sala, pela cozinha e pelo banheiro, todos os cômodos lembravam arroz para ele. Ao chegar no quarto de Lucas, encontrou o garoto brincando de carrinho.

- Estevan! Feliz aniversário, amiguinho! - O pequeno abraçou Estevan e esfregou a mão nas costas. - Eu comprei um presente pra tu. Quer dizer... minha mãe.

Lucas entregou um pequeno colar de conchas para Estevan. Durante o ano que passou Lucas começou a usar óculos, e o branco da armação contrastava com tom escuro da pele dele. Ele sempre se lembraria do amigo e de seus óculos quando olhasse para o colar.

- Achei lindo, amigo. Obrigado! Tu tem um também? Sério, brigadão, Luquinho. É o melhor presente do mundo todo! Posso brincar contigo?

- Vem, eu montei uma pista nova de carrinho. Pega uns ali na caixa!

- Tá, eu trouxe meus *skatinhos* também. Tu quer um? Tem um monte - Estevan esvaziava seus bolsos tirando os skates em miniatura e colocando no chão.

Os dois brincaram por duas horas, até o sol se pôr. A pista já havia sido destruída duas vezes, três carrinhos quebraram as rodas de tanto cair e o piso de madeira arranhou um pouquinho mais.

- Luque, eu preciso ir no shopping agora. Paulo e Sandra vão me levar no cinema. Tu não quer ir junto?

- Ia ser legal, né? E a gente podia ir na sessão de brinquedos, vai ser massa demais! Manhêeeeeee! - Disse Lucas gritando para Dona Márcia. - Posso ir no cinema com o Estevan? Deixa, por favorzinho, manhê?

- Uhm. Tá, tudo bem filho. Estevan, vou ligar pro Paulo, tá? Vou combinar certinho com ele. Lu, vai tomar banho!

Os meninos gritaram e dançaram em comemoração. Estevan tinha certeza de que Paulo deixaria Lucas ir.

28 de março de 2010

- Mamãe, mamãe! Acorda. Papai, papai! Acorda, acorda, é hoje. - Disse Estevan abrindo a porta com toda a pequena força que tinha e correu até a cama de Paulo e Sandra.

- Estevan, querido. São cinco horas da manhã... não tá muito cedo?

- Guri do céu... tu dormiu não?

- Dormi, mas já acordei! Vem, pai. Vem, mãe. Prometeram pra mim sorvete, eu lembro, eu lembro. - O pequeno pijama azul balançava rápido, acompanhando os braços de Estevan enquanto puxava os cobertores.

- Tu lembra disso, amor? Eu não lembro.

- Eu também não, querido. Esse pestinha tá nos enganando! Vai se vestir, Estevan!

O garoto saiu correndo pro quarto.

- E anda direito, pelo amor de Deus, parece uma borboleta esvoaçante!

As risadas dele ecoavam tão alto que ele nem ouviu o que Sandra disse. Estevan adorava o novo aniversário, mesmo sabendo que não era o dia certo. Para aqueles três era oficial. Quando o pequeno apareceu na sala, estava vestido com um outro pijama. Esse era de dinossauro. Ele ganhou quando foi ao cinema com Lucas ano passado, e era seu favorito.

- Vem cá, amor. O Paulo tá fazendo uma omelete pra ti.

- Mas vocês me disseram sorvete, mãe. - A cara de Estevan tinha mudado. Ele não sorria mais. A testa franzida e seus olhos pareciam duas tempestades.

- Estevan Martins. Não faça essa cara nunca mais para mim! Paulo, olha aqui esse guri.

- Ai, Sandra. É só hoje também. Vem, Estevan, eu vou te dar sorvete também, pode ser?

- Não quero ovo, papai. Só sorvete! - Estevan fez uma cara de cachorro triste. Seus olhos brilhavam e as tempestades foram embora.

- Como dizer não pra essa carinha, amor?

- Tu que se resolva, Paulo Otávio. Pra mim chega.

O telefone de Sandra toca. *Sim, sim. Segunda, por quê? Não. Não. Mas... Elisângela. Tá, tá. Vou me arrumar e chego em trinta minutos. Sandra desliga.*

- Estevan, Paulo... anjinhos. Minha chefe pediu pra viajar com ela.

- Mãe, mas...

- Eu sei, eu sei. Mas eu tô atrasada já. Desculpa, desculpa. Querido, tu cuida do Estevan? Faz o que a gente combinou, amor.

- Sandra, amor, tem mesmo? Poxa...

- Mãeee. Onde tu vai? E meu aniversário? - Disse Estevan, com os olhos se enchendo de lágrimas.

- Ah, se eu pudesse negar, Paulo. Estevan, não chora, amor.

- Estevan! Vem cá. O Lucas chegou!

Silêncio. Estevan permaneceu a manhã inteira deitado no quarto. Paulo estava parado na porta, com Lucas e Dona Márcia no corredor.

- Paulo, querido, tá tudo bem. Quem sabe mais tarde?

- Desculpa mesmo, Dona Márcia. Luque, vou tentar falar com o Estevan, tá bem?

- Toc-toc. Estevan?

Estevan está deitado na cama. Lucas bate na porta e a abre.

- Amiguinho?

- Oi, Luque. - Disse Estevan, se sentando na cama.

- Eu vim brincar contigo. É teu aniversário, né!

- É, mas eu queria que não fosse.

- Por que, amigo?

- Porque a mãe foi viajar. Assim não tem graça, Luque.

Lucas senta-se ao lado de Estevan, e pegando na mão do garoto, puxa os braços do amigo para um abraço lento. Quando os braços de Luque envolvem o corpo do Estevan, uma crise de riso invade o garoto diante das cócegas nas axilas e cintura do pequeno Estevan.

- Para, Lucas, para! - Estevan não conseguia parar de rir. - Eu tô triste! Não pode!

- Só paro se a gente ir no parque. O tio disse que ele ia nos levar. Vai, amiguinho. Por favor!

- Tá, tá. Só para, Luque! Seu chato!

- Sério? Ebaaaaa! Tio Paulo, ele vai!

Paulo aparece na porta com um enorme sorriso no rosto. Com a mochila pronta, um pequeno pedaço da toalha vermelha para piqueniques escapava pelo zíper.

- Estão prontos, crianças?

Ao mesmo tempo, os dois respondem:

- Estamos, capitão!

Paulo levou de carro Estevan e Lucas num parque em Porto Alegre. Estevan arregalou os olhos quando viu pela primeira a imensidão do verde à frente. Lucas pulava no banco, sacudindo a mão de Estevan.

- Estevan, olha lá a *sora* Tati! - Disse Lucas, apontando muitas vezes em direção a uma mulher baixa, de óculos e cabelos cinzas, segurando na mão uma guia com a coleira vermelha conduzindo um cachorro. Estevan abaixou três dedos do vidro e gritou pela fresta:

- Oi, *sora*! Alô! *Sora*! É o Estevan! O Lucas tá aqui, *sora*! - Estevan vira para Lucas. - Vem, Lucas. Tenta tu!

- *Sora* Tati? Olha pra cá! É aniversário do Estevan! *Sora*! Tio Paulo, buzina pra ela, vai, por favorzinho.

A professora Tatiana não ouviu nenhum dos chamados. A velhinha continuou andando em linha reta até não ser vista mais. Paulo estacionou o carro e os meninos pararam com os gritos. Os três desceram do carro e Paulo ficou no meio dos dois, segurando a mão de cada um, como irmãos.

- Vou levar vocês num lugar bem legal, guris. Mas, antes, precisamos comprar bilhetes. Quem quer pagar?

Os dois gritaram em uníssono, levantando as mãos livres.

- Uhm. Tá. Dessa vez paga o Estevan, que é aniversário dele. Mas tu pode carregar os bilhetes, Luque. Fechado?

- Tá! - Responderam os dois.

Estevan e Lucas brincaram por uma hora nos carrinhos bate-bate, andaram de montanha russa e finalizaram o momento no hóquei-de-mesa. Já era o entardecer quando os três caminharam na direção da roda gigante segurando um algodão doce, e Lucas estava com os bilhetes prontos para entregar ao moço que guardava a entrada.

Subiram os três no banco e esperaram. Aos poucos, a roda foi subindo e a sensação dos bancos se mexendo assustou Lucas. Ele agarrou na mão de Estevan, que segurava na mão de Paulo. O balanço não incomodou o pequeno Martins, mas a altura lhe dava um frio na barriga. Olhava para baixo sem parar, até Paulo pedir para que ele olhasse para cima.

Vendo de outro ângulo, o que era o medo antes se tornou um sentimento que não cabia em palavras para Estevan. Ele não via mais a distância do chão até o banco nas alturas, mas no topo ele via a cidade. As árvores, as ruas, os carros. O pôr do sol irradiava seus últimos pontos de luz do dia nas folhas verdes ao seu redor.

- Papai, ela não vem mesmo, né?

- Quem, guri?

- A mamãe...

Lucas permaneceu quieto. Ele apertou com mais força a mão de Estevan, que estava suada. Paulo não sabia o que responder a seu filho, ele odiava aquela situação, o trabalho de Sandra, às vezes até mesmo a Sandra. A roda gigante terminou seu pequeno percurso e parou perto do chão de novo. Os três desceram cabisbaixos do banquinho de três lugares e deram a mão para Paulo. O homem apertou a mão dos meninos, sentia querer proteger a todo custo aqueles dois. A vida não era fácil, e por saber disso é que sentia tanta falta de ter a idade de Estevan, quando tudo ainda era um grande algodão doce azul ou rosa.

28 de março de 2011

O quarto de Estevan estava escuro e silencioso. A porta se abre e a voz de Paulo invade o espaço. *“Parabéns pra você, nessa data querida...”*

- Bom dia, mas só pra quem faz onze anos hoje! Vamos acordando, filho. Anda, anda, gurizinho sem vergonha. - Disse Paulo, abrindo as cortinas e dando puxões de leve na colcha de Estevan.

O garoto estava com a cara amassada e os olhos pequenos. Gemeu ao se espreguiçar e se levantou da cama, indo abraçar Paulo.

- Oi, paizinho.

- Feliz aniversário, filho! É agora que eu começo o parabéns gaúcho?

- Não, não, por favorzinho, paizinho. É chato! - Os olhos de Estevan, mesmo que pequenos, pediam lá no fundo socorro para o pai. Era a pior música que ele tinha ouvido em todos os onze anos de vida dele.

- Uhm. Tá! Mas na próxima eu venho com um rádio e tudo, tá certo?

- Mas...
- Vem, preparei um café pra ti bem especial, gurizinho.
- Que horas a mãe chega hoje, papai?
- Ela disse que vinha lá pelas 18h, Estevan.

O telefone residencial toca alto enquanto Estevan tomava seu banho. Paulo corre de seu quarto e atende.

- Oi, meu amor, ainda bem que tu ligou. Cadê tu? Ah, oi, dona Márcia. Perdoa, achei que era a Sandra. Que? Barbaridade! Tudo bem, melhora pro teu filhote! Quem sabe o Estevan passa aí daqui a pouco. Certinho, tchau, tchau.

- Luque, acho que a Sandra não vem de novo. - Disse Estevan sentado no chão, ao lado de Lucas, que estava deitado na direção dele.

- Poxa, Estevanzinho, não pensa assim. - Lucas disse tossindo forte.

- Acho que ela não gosta de mim. Ano passado foi igual...
- Foi sem querer, amigo, tenho certeza.
- Não foi não. Eu ouvi alguma coisa, mas não disse nada.

Lucas ficou em silêncio enquanto Estevan olhava para o chão, movimentando seus dedos e traçando uma linha imaginária no ar.

- Quem é teu melhor amigo, Luque?
- Tu, né, bobão.
- E o Felipinho?
- Eu nem falo com ele, Estevan.
- Fala sim! Tu e ele até brincaram esses dias, eu lembro.
- Ai, tá, seu chato! Mas tu é o meu melhor amigo e deus.

- Tu também é o meu, Luque. - Os olhos de Estevan marejaram - E acho que o único amigo também.

Lucas estava muito cansado, e Estevan falou baixinho demais, tanto que o amigo acabou dormindo.

Era final da noite. A porta do apartamento de Estevan se abriu e era Sandra que estava chegando de viagem com duas malas, uma rosa e outra preta. Paulo foi correndo ajudar sua esposa.

- Amorzinho, cheguei! Estevan, onde tu tá, meu amor?

- Querida, ele já foi dormir, fala mais baixo...

- Ai. Que cedo, Paulo. Ele não costuma dormir cedo assim, eu trouxe até um presente...

28 de março de 2012

O alarme indicando o final da aula tocou. Estevan e Lucas saíram da sala com as mochilas nas costas. Algumas crianças foram liberadas dois minutos mais cedo e brincavam no pátio principal. Estevan caminhou olhando para o amigo até esbarrar em uma criança correndo. Ele cai e Lucas o ajuda a se levantar.

- Obrigado. Lucas, o que tu quer ser quando crescer?

- Alto, e tu? - Disse o amigo, com um sorriso no rosto.

- Ah-ah. Muito engraçado, seu boboca! É sério, responde direito.

- Eu não sei, amigo. Talvez cientista! Ou policial. Ou os dois! Por quê?

- Ah, é porque eu não sei ainda... A Sandra me perguntou ontem e eu não sabia. Ela disse que eu deveria saber, e que todo mundo já sabia

nessa idade. A Carla falou esses dias lá na sala que queria ser modelo, lembra?

- Lembro, mas acho que não quer dizer nada, Estevan. Sei lá, acho que tem tempo, né? A gente recém tem doze anos.

- É, mas eu também não gosto de nada.

- Tu já ganhou alguns livros. Chegou a ler eles?

- Não, nenhum. Eu digo que gosto pra Sandra, e aí ela traz mais. Mas eu nunca li eles.

- Pois deveria. Aquele Oliver Twist no teu quarto parece ser bastante legal, amigo!

- É muito grande, Luque. Eu não leio nem vinte páginas, quer que eu leia trezentas? E mal tem desenho!

- Ai, que chatão! Então não lê nada e dá pra mim que eu leio. Tenho que ir, vou no dentista agora. Tchauzinho, Estevan. Depois no vemos na tua festa! - Disse Lucas, entrando no carro que estacionou na frente dele.

Estevan largou sua mochila no chão e se sentou no asfalto fora da escola. Ele estava perdido, tudo ao seu redor mudava e ele não conseguia acompanhar. Para ele, parecia que ontem tinha passado pela décima sessão com a psicóloga por causa do terceiro abandono, mas também parecia que era um recém-chegado na casa de Paulo e Sandra. As mudanças no seu corpo já haviam começado, sua voz oscilava e pequenos fios nasciam em seu rosto. Estevan não sabia o que queria ser, e nem de quem, ou se de fato gostava de alguém. Ele só falava com Lucas, já o amigo falava com todo mundo.

Andou de volta para casa e parou em uma pequena praça, perto de sua loja de doces favorita. Sentado e se balançando em um pequeno

banco de madeira preso por cordas, Estevan lembrou de todos os seus anos até agora. Ele tentou e tentou de novo se sentir agradecido, mas só conseguiu começar a chorar. Como doía, seu peito apertava e as mãos suavam. Por um instante, quis que o balanço do banco o levasse para o mais alto que podia, e que o destino acabasse decidindo se ele voaria ou cairia no chão. Nunca se sentiu tão sozinho como naquele pequeno segundo de tempo. Ele gostava de Paulo, mas não gostava de Sandra. Ele gostava de Lucas, mas nenhum amigo de Lucas gostava dele. Lucas gostava dele, mas Estevan não gostava dele mesmo. “Fazer doze anos é assim?”, pensou o garoto.

Era final da tarde quando Estevan resolveu tomar banho para sua festa. Ele não costumava fazer nada à noite, mas dessa vez o Paulo convenceu ele a fazer sua festa de noite. Entrou no chuveiro e observou seu corpo de baixo para cima. Ele não se reconhecia mais. Virou-se e abriu a torneira. Deixou a água escorrer, sentindo cada gota como se fossem pequenas pedras de gelo. Ele queria afundar, derreter e se unir com a terra, mas não tinha terra nos seus pés. O dia pesava em seus ombros, como se carregasse cinco mochilas suas abarrotadas de pedras e livros. Lembrou-se de Carmen Lúcia, sua vizinha de classe nas aulas da professora Karen, e o quanto achava o cabelo dela bonito. Carmen era simpática com o Estevan, mas nunca haviam trocado mais do que dez frases com ela. A água começou a esquentar, e com isso desceram as lágrimas. Ele preferia chorar no banho, fazia menos barulho e ele podia fingir que era só a água do chuveiro escorrendo pelo seu rosto. Sentou-se no chão, decidiu que queria chorar sentado. Onde estava Lucas naquele momento?

28 de março de 2013

Querido leitor, se você planejava ler mais um outro dia de aniversário do Estevan, enganou-se. Eu poderia te falar sobre como ele foi feliz, comemorou com seus amigos e que ganhou milhares de presentes legais, dentre eles seu primeiro telefone. Saiba que não, foi pior do que o esperado. Sandra criou uma enorme ilusão em sua cabeça: convidou toda a turma do filho para uma festa surpresa em que ninguém apareceu. Nem mesmo Lucas, porque estava viajando.

Foi mais um aniversário triste, pior até do que o anterior. Ele não odiava Lucas por isso, mas talvez odiasse Sandra. Ele só queria ter ficado em paz. Separei este momento para dar um tempo em sua cabeça e conversar um pouco com você. Tem certeza de que quer continuar, leitor? Eu devo ter avisado lá no início que seria uma história ruim, quer dizer, eu não lembro muito bem porque já faz um bom tempo que escrevi, mas devo ter avisado, sim. Bom, te garanto que a continuação desta história não será das melhores, mas eu irei contar, basta somente a você decidir querer continuar. Caso esteja triste, recomendaria beber um vinho - se for maior de idade - e procurar por algum clássico. Existem vários por aí na sua estante, tenho certeza.

Ao invés de te falar sobre outro dia angustiante, acho melhor tentar avisar você. Por que continua aqui, leitor? Eu sei, eu sei, isso tudo foi uma montanha russa de emoções, mas talvez a continuação seja algo como uma roda gigante, como aquela em que os meninos foram algum tempo atrás. Ao sentar-se no banco, será triste, tão triste como perder seu primeiro animal de estimação, e enquanto sobe você só vai querer olhar para o chão esperando esse momento acabar. Ao chegar no topo, não

aguentará mais e pedirá pra descer. A visão da cidade poderá ser bonita, mas você estará tão mal que nada irá fazer melhorar a situação.

Assim será a vida de Estevan, pelo menos por um enorme período. As breves desventuras do pequeno Martins. Quando conversei com Sandra, ela me contou que, em um dos dias de Natal, o garoto odiou e rasgou todos os presentes que ela deu, exceto Oliver Twist. Paulo me disse que era mentira, mas não sei em quem deveria acreditar. Conversei com a diretora Paloma, a que administra todas as funções da escola de Estevan, e ela me falou muito bem do garoto. Mesmo sendo quieto, ele sempre tirou boas notas e foi elogiado pelos professores.

Certo dia, bati na porta de Dona Márcia. Acho que Lucas nunca soube disso, pois apareci enquanto estava na aula com Estevan e pedi segredo. A mulher me deixou tonto com tanta cor, eu sei, eu sei, cada pessoa veste o que quer. Bom, ela me falou muito bem do garoto, não de Lucas, porque tenho certeza de que ela falaria até o que não aconteceu para que o garoto ganhasse destaque. Agora fiquei pensativo, será que ela falou toda a verdade para mim?

Se você ainda se interessa por esta história, quem sabe então você não passa um café? Boa leitura!

Capítulo 3

Coração acelerado

2014

Era uma tarde ainda clara quando Estevan saiu de casa. Apesar do horário, o sol iluminava laranja dentro do apartamento. O garoto andava cansado pelos corredores do prédio, indo visitar Lucas para fazerem um trabalho adiantado. Ele odiava Filosofia, mas o amigo gostava, então facilitaria um pouco a situação.

Estevan nem precisou bater na porta, porque ao chegar Lucas o esperava com a porta aberta e o telefone na mão.

- Tá atrasado, manézão.

- Ai, não enche, cabeça de batata. Dois minutos não é nada comparado com o teu atraso de cinco horas naquele sábado.

- Ei! Não vale, eu já disse, Estevan. Eu tava com a Sabrina naquele dia.

- Tá, tá. Sabrina blá blá blá. - Estevan revirou os olhos e Lucas resolveu não responder. - Cadê a tia Márcia?

- Foi no mercado. Vem, eu liguei o computador já.

- E tu quer jogar alguma coisa antes?

- Não, vamos fazer logo isso daí. Senta nessa cadeira tá, vou pegar outra. - Disse Lucas saindo do quarto.

- Tá, e tu quer começar por onde?

- Eu separei uns sites, vê aí. Tá na área de trabalho, Estevan. - disse o amigo voltando com a cadeira.

- Uhm. Tá, acho que tá tranquilo.

- Agora deixa eu te mostrar outra coisa. Eu já tinha escrito um parágrafo e... me dá o mouse, Estevan.

- Ai, Lucas. Espera um pouco, queria ler esse site an...

- Não, tu lê depois, inferno. - Disse Lucas, colocando a mão em cima da de Estevan para roubar o mouse.

Os dois meninos se olham e ficam em silêncio por instantes. Estevan sentiu que algo crescia dentro dele, mas ele nunca havia sentido isso antes. Era quente, inflava seu estômago e o peito apertava. O telefone de Lucas toca e a hipnose dos olhares é cortada.

- Já volto, Estevan. É a Sabrina.

Estevan entrou no banho. Ele sempre gostava de olhar para baixo dentro do box, com a água quente desabando sobre seu corpo, aquecendo em toda a sua extensão. Ele analisava os fios novos em sua pele, o tamanho de seus dedos da mão e a pequena montanha em sua garganta. A água escorria e os pensamentos chegavam em sequência, às vezes tropeçando uns nos outros. Desde o trabalho com o Lucas, Estevan não parava de pensar naquela troca de olhares e no encostar das mãos. Por que, depois de anos, Estevan sentia o coração acelerar por alguém tão próximo? O amor não era algo à primeira vista? Ou será que era só nervosismo? Ele tentou trocar de pensamento. Galinhas, estátua da liberdade, carros em alta velocidade, Lucas, galinhas, grama, chuva, desfiles, arte, Lucas, borracha, Lucas, beijo, apontador, filme, Lucas, Lucas, Lucas. Sempre acabava no Lucas, e ele gostava da Sabrina.

Estevan sonhou com cenas esquisitas. Eram cobras ao redor de sua cama e muito vento na rua. Seus personagens favoritos, como o

Superman e a Lince Negra, lutavam no lado de fora da janela. Lucas estava dormindo ao seu lado e uma cobra subia para atacar sua garganta. Ele não sabia o que fazer, nunca lutou contra cobras. O sentimento de pânico invadia o peito e a mente de Estevan, queria salvar seu amigo e não conseguiria. Ele seria o próximo. Acordou quando a cobra abocanhou o pescoço de Lucas. Olhou para os lados, para o chão, não havia ninguém. Era somente ele, de novo.

Sandra entrou em seu quarto e Estevan não estava interessado em conversas. Com o travesseiro no rosto, esperava que ela acreditasse que ainda dormia.

- Querido, eu sei que tu já acordou. Levanta, tenho novidades.

- Que novidades? - Disse Estevan, encenando olhos cansados e um bocejo de sono.

- Como assim trocar de escola? Vocês não podem... eu não quero! O Paulo concordou com isso?

- Amorzinho, é uma escola melhor. Apesar de ser um pouco longe, tu vai gostar, tenho fé!

- Mas e o Lucas? Eu mal tenho amigos, Sandra. Tu sabe disso, ninguém veio naquela festa. E o Lucas não vai trocar de escola, então eu não vou ter mais nenhum. É isso que tu quer?

- Deixa de ser bobo, filho. Deus tá vendo isso. - Estevan estremeceu. Ele odiava Sandra, com todas as forças.

- Eu não quero trocar de escola! E eu não sou teu filho.

Sandra emudeceu. Estevan arregalou os olhos e percebeu o que disse no mesmo instante.

- Desculpa...

- Então é isso, Luque... eles que decidiram.

- Caramba, Estevan. E quando tu vai sair? - Disse Lucas, com o olhar cansado.

- Eu acho que logo quando acabar o trimestre. Mas tu ainda vai ser meu amigo, né, Luque?

- Sim, né, manézão. A gente mora no mesmo prédio! Só não vamos mais fazer os trabalhos juntos. - O garoto se levanta da cama e abraça o amigo. - Vai ficar tudo bem, amigo.

- É... eu não sei como vai ser, na verdade. Odeio aquela mulher, tenho certeza que o Paulo não concordou com isso.

- Quem, Estevan? A Sandra?

- É, quem mais seria?

- Tá, não precisa me soltar os cachorros também. Só fiz uma pergunta.

- Desculpa. - disse Estevan olhando nos olhos de Lucas. A lente dos óculos do amigo refletia a luz do sol que invadia o quarto. Ele tentava encontrar aquele momento de novo, como o da última vez. O silêncio, as mãos tocando. Será que Lucas sabia o que Estevan estava sentindo? O pequeno Martins não parava de pensar nisso. Era estranho esse sentimento para o menino. Ele não conhecia outras pessoas que gostassem de meninos. Será que ele gostava mesmo? Ou só queria um pouco de carinho do amigo nesse momento tão difícil?

Estevan resolveu tentar encostar a mão na de Lucas, mas tinha receio. E se ele recuasse? O que ele diria se o amigo perguntasse algo? Mas Lucas não estranharia, não é? A gente sempre foi carinhoso. Seria agora ou nunca.

O telefone de Lucas toca.

- Já volto, tá? É a Sá. Alô! Oi, amor. - Disse o amigo, saindo do quarto.

- Mas, Luque...

- Bom dia, amorzinho! - Sandra disse, abrindo a porta do quarto de Estevan com um sorriso estampado no rosto.

O garoto às vezes se lembrava de Sandra da mesma forma que de Dona Márcia. Se ele fechasse os olhos, veria e ouviria como se estivesse naquele elevador de novo, anos atrás. Odiava pensar assim, ele sabia que eram pessoas diferentes.

- Oi. Dia. - Disse Estevan com os olhos vermelhos e secos. Tentou esboçar um sorriso de volta, mas não conseguiu.

- Dormiu bem?

- Sim... obrigado.

- Logo vamos no súper. Tu quer vir conosco, Estevan?

- Não, melhor não, Sandra. Tô cansado.

Sandra olhou no olho de Estevan e pegou na mão dele.

- Então tá bem. Hoje passa, mas na próxima te quero juntinho de mim, certo? - Disse ela saindo do quarto.

A manhã de Estevan foi tediosa, a ponto de ficar brincando com uma bolinha de cachorro que encontrou embaixo de um móvel na sala. Olhava a rua pela janela, vasculhava gavetas, até contar carneirinho foi uma tentativa. Carneirinho não era para dormir? O garoto resolveu olhar pela janela de novo, e sendo quase onze horas da manhã, o sol irradiava fazendo com que os olhos de Estevan doessem.

A rua estava com pouco trânsito, os passarinhos cantavam nas árvores próximas aos postos de luz e algumas pessoas transitavam pela avenida. Ninguém interessante, até Lucas atravessar de um lado para o outro da calçada. Com seus tênis *All Star* e bermuda pretos, um moletom branco e uma mochila, ele andava olhando para todos os lados - inclusive para cima.

- Ei, Lucas! - Gritou Estevan do terceiro andar. - Tá indo aonde?

Três pessoas pararam na avenida. Uma mulher com óculos de abelha, um senhor com seus oitenta anos e bengala na mão esquerda e o menino do moletom branco. Estevan arregalou os olhos e tentou se esconder atrás das cortinas.

- Eu? Oi, alô. Estevan! E aí, manézão. - O garoto surpreso abanou para Estevan.

A mulher e o senhor continuaram seu trajeto. Estevan reapareceu na janela com a franja bagunçada.

- Oi! Vai pra onde?

- No shopping! Quer vir?

Silêncio entre os dois. Estevan ouviu Sandra chegar do mercado gritando de novo da porta de entrada. Ele não queria falar nada para os dois.

- Preciso ir! - Gritou Estevan fechando a cortina apressado.

- Querido! Demoramos, mas chegamos! O que estava fazendo? - Disse Sandra, entrando no quarto - Já, já vamos conversar contigo sobre o colégio novo. Paulo te explicou alguma coisa?

- Não, só comentou.

- Certo, então no almoço te explicamos tudo certinho, tá bom, benzinho? Vamos fazer carne assada.

Estevan resolveu ler um pouco de *Twist*. Ele se assustava como se identificava com o personagem e como a vida era em Londres. Como seria viver naquela época? Nem tinha sido mencionada uma escola para Oliver. Ao menos Sandra e Paulo falariam com ele daqui há pouco.

Estevan lembrou-se dos outros anos em que passou no colégio e com diferentes pais adotivos, às vezes nenhum. Não era raro uma criança da adoção começar o colégio sem ter sido adotada, e ele sentia muita falta de algumas que o acompanharam. O Rabanete, a Cenourinha, a Lasanha, a Batata e o Tomatinho. Todos tinham nome, mas eles sabiam que não eram nomes dados por seus pais biológicos, e sim nomes aleatórios com sobrenomes fixos baseados no alfabeto. O primeiro recebia o sobrenome Alves, o segundo Becker, o terceiro Cunha, e por aí vai. Estevan recebeu o sobrenome Martins, mas preferia ser chamado pelo apelido de Brócolis que recebeu lá.

Apesar de ter conhecido todos do lar de adoção, ele era o único do grupo que sempre voltava. Quando um deles era adotado, nunca mais se ouvia falar da criança. Da última vez foi o Rabanete, deixando Estevan sozinho até Paulo e Sandra chegarem. Mas, conhecendo a própria história, o pequeno Martins tinha certeza de que mesmo estando até hoje com aqueles dois, nunca seria feliz.

Perdido nos próprios pensamentos, Estevan não percebeu Paulo gritando da cozinha chamando-o para almoçar. Só se deu conta quando ouviu o barulho do toc-toc na porta.

- Vem, filho. Tá tudo pronto já.

O garoto ainda estranhava de vez em quando a palavra "filho". Antes era com os dois, mas depois de um tempo só não gostava de Sandra o chamando assim. A testa de Estevan franzia e as mãos tremiam,

a ponto de escondê-las num cruzamento de braços. Sandra nunca percebeu as expressões, e Estevan nem queria que percebesse.

Sandra e Paulo lhe explicaram tudo em relação à nova escola. Como pegar um ônibus até o bairro central, o trajeto que deveria percorrer a pé, o uniforme que deveria vestir e os horários de todos os dias. Ele tentou absorver o máximo possível de informação, mas, por algum motivo, começou a se lembrar do Lucas conversando com ele da avenida.

- ...então tu deve chegar lá pelas treze horas aqui em casa, tudo bem? - Disse Sandra, mexendo as mãos de um lado para o outro. - Claro, sempre tem um probleminha e outro, a gente sabe como funciona, mas esse é um horário aproximado, querido. Conseguiu entender direitinho?

- Sim, acho que sim. Obrigado, Sandra... - Estevan pensava se pegaria pelo menos o mesmo ônibus que Lucas. Não, ele dispensou a ideia. Lembrou que Lucas sequer pegava ônibus, o garoto ia a pé todos os dias. Estevan se sentiu como um maluco.

- Alguma dúvida? - Disparou Paulo - De repente posso te acompanhar no primeiro dia, Estevan. Um dia atrasado também não mata ninguém, né, querida?

- Não. Quer dizer... sim. Pai... posso falar contigo ali no quarto?

Paulo olha na direção de Sandra e fica em silêncio.

- Vai, Paulo. É claro que pode, não é, amor?

- Claro, guri. Se tu prefere assim.

Os dois caminham até o quarto, mudos. Estevan fecha a porta e senta-se na cama. Sandra, logo após, caminha a passos lentos e silenciosos, pronta para ouvir atrás da porta.

- Tá, eu não sei bem como te perguntar isso... Como tu soube quando gostava de alguém?

- Ah, eu não sabia. Eu sentia, eu acho. As borboletas no estômago, ficar sem jeito, achar uma menina bonita. Foi assim com a Sandra. Por que, filho?

- Não, não é nada. Eu só tava pensando...

Silêncio.

- Pensando...?

- Pensando se eu gostava de Lucas. Sabe... mais que amigo. - Disse Estevan, olhando para os pés.

Os olhos de Sandra abriram tanto que pareciam prestes a explodir. Ela queria abrir aquela porta e fazer um escarcéu. Ela sabia que o Deus dela achava aquilo errado, era inadmissível.

- Ah... o Lucas? Mas ele é um... Bom, isso não vem ao caso. Por que tu acha isso, Estevan?

- Por nada, eu acho. É que eu vi ele hoje pela janela e... - Estevan é interrompido pelo barulho da porta de abrindo com força. - Sandra, o que tu tá... - O garoto não consegue terminar por causa do tapa de Sandra na bochecha dele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo um trabalho de conclusão, mas também um símbolo de luta e resistência. Abordar assuntos como este, em que diariamente damos nossa cara a tapa pode ser exaustivo. Escrevo estas considerações, coincidentemente, no final do mês do orgulho LGBTQIA+, um período símbolo de resistência, no qual deveríamos celebrar a diversidade, o amor livre de preconceitos e todo o esforço diário da comunidade pela busca de direitos. Lembro-me de Marsha, Stormé e Sylvia, que foram mulheres importantes para que o 28 de julho, dia do orgulho LGBTQIA+, se tornasse real, assim como muitas outras pessoas antes delas que lutaram para que hoje a situação nos pareça um pouco melhor.

Vivo no Brasil, o país que mais mata pessoas Transexuais e Travestis no mundo inteiro. Mesmo no mês de orgulho da comunidade, ainda não tivemos descanso, afinal, fomos chamados de raça desgraçada e anormais em rede nacional¹⁴, um homossexual foi vítima de estupro coletivo¹⁵, uma mulher trans foi queimada viva¹⁶, um jovem gay de apenas vinte e dois anos foi baleado dentro de uma barbearia¹⁷, uma travesti foi encontrada morta dentro de uma propriedade rural no Ceará¹⁸, uma criança foi atacada virtualmente pela orientadora da escola e seus colegas simplesmente por sugerir um trabalho sobre o mês do orgulho LGBTQIA+¹⁹.

Portanto, retomo a importância de livros como “Sérgio Y. vai à América” e futuramente “Estevan Martins”, não por serem apenas histórias ficcionais, mas por também serem documentos que refletem sobre o atual estado da sociedade brasileira. Será mesmo que a criança é quem nasce preconceituosa, ou é algo imposto a ela por quem está ao seu redor? Escrever sobre Sandra Y. ou Estevan também é um gesto para que não seja

¹⁴<https://istoe.com.br/sikera-jr-chama-homossexuais-de-raca-desgracada-na-tv-e-sera-processado/>

¹⁵<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/06/4929321-sc-rapaz-de-22-anos-sofre-estupro-coletivo-e-e-internado-em-estado-grave.html>

¹⁶<https://www.brasildefato.com.br/2021/06/25/mulher-trans-e-queimada-viva-no-centro-de-recife-codeputada-denuncia-transfobia>

¹⁷<https://ponte.org/jovem-gay-e-assassinado-a-tiros-dentro-de-barbearia-em-sp/>

¹⁸<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/06/22/travesti-e-assassinada-a-facadas-em-paracuru-litoral-oeste-do-ceara.ghtml>

¹⁹<https://catracalivre.com.br/cidadania/crianca-e-atacada-por-pais-e-professores-ao-sugerir-tema-lgbt-em-trabalho/>

mais usado o nome Sérgio, mesmo após a sua morte, ou para que não haja mais nenhuma agressão por orientação sexual. Cada dia mais se faz necessário que analisemos a literatura LGBTQIA+ para o amadurecimento crítico de cada pessoa dentro de uma sociedade em que o respeito deve existir em primeiro lugar.

REFERÊNCIAS

- ABREU Caio Fernando. **Onde Andará Dulce Veiga?**. São Paulo: Planeta De Agostini, 2003.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- BRASIL, Luiz Antonio de Assis. **Escrever ficção: um manual de criação literária**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CANDIDO, Antonio., GOMES, Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- CISCATI, Rafael. **Por que a sigla LGBTQIA+ mudou ao longo dos anos**. Brasil de Direitos, 2019. Disponível em:
[https://www.brasildedireitos.org.br/noticias/500-por-que-a-sigla-lgbti-mudou-ao-longo-dos-anos?gclid=Cj0KCQjwmIuDBhDXARIsAFITC_7TN21aaQfANrrosmlOn7K68laMUANK-OKZ5zJa9r5igwegD6MMV1MaApyOEALw_wcB%20\)-%20RAFAEL%20CISCATI%20-%2030%20SET%202019%20\(20%20maio%202021\)](https://www.brasildedireitos.org.br/noticias/500-por-que-a-sigla-lgbti-mudou-ao-longo-dos-anos?gclid=Cj0KCQjwmIuDBhDXARIsAFITC_7TN21aaQfANrrosmlOn7K68laMUANK-OKZ5zJa9r5igwegD6MMV1MaApyOEALw_wcB%20)-%20RAFAEL%20CISCATI%20-%2030%20SET%202019%20(20%20maio%202021)) Acesso em: 20 maio 2021
- DALCASTAGNÈ, Regina. – “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, pp. 13-71. Disponível em:<<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>>. Acesso em: 17 de Maio/2020.
- DAWSON, James. **Este livro é gay. E hétero, e Bi, e Trans...** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.
- DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.
- DREY, Marina; RAMOS, Tânia. **Gênero e estereotipação em Sergio Y. vai à América: Cecilia Coutts em foco**. Navegações, Porto Alegre, v. 10 n. 2, p. 202-210, 2017.
- GAY. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/gay/>>. Acesso em: 25 maio 2021.
- HETERO. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/hetero/>>. Acesso em: 25 maio 2021.
- Manual: REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.
- MESQUITA Fatima. **Julieta e Julieta**. São Paulo: Edições GLS, 1998.
- MORAES, Pamela., FIGUEIREDO Danniell. **LGBTFOBIA NO BRASIL: FATOS, NÚMEROS E POLÊMICAS**. 2019. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/lgbtFOBIA-brasil-fatos-numeros-polemicas/>> Acesso em: 07 de fev. 2020
- NERY, João W. **Viagem Solitária**. Rio de Janeiro: Leya, 2011.
- O que é pessoa não binária, identidade revelada por demi lovato. **CNN Brasil**, 2021. Disponível em:
 <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/2021/05/27/cnn-tonight-o-que-e-pessoa-nao-binaria-identidade-revelada-por-demi-lovato>> Acesso em: 03 Junho 2021.
- POLESSO, Natália Borges. **Amora**. Porto Alegre: Dublinense, 2015.
- PORTO, Alexandre Vidal. **Sérgio Y. vai à América**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- PULLMAN, Philip. **Fronteiras do Universo**. São Paulo: Suma, 2017

RIOS, Cassandra. **As traças**. Rio de Janeiro: Record, 1981.

SEXUALIDADE. TodaMatéria. Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/o-que-e-sexualidade/>. Acesso em: 25 maio 2021.

SNICKET, Lemony. **Desventuras em Série**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

TRANS. *In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/trans>>. Acesso em: 25 maio 2021



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br